

PERIODIZAÇÃO TÁTICA: FUNDAMENTOS E PERSPECTIVAS

Entrevista realizada com o Dr. Vitor Manuel da Costa Frade, Universidade do Porto – UP, Porto - Portugal

Entrevistador: Paulo Henrique Borges, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná-Brasil

RESUMO

Este texto apresenta a entrevista realizada com o professor português Dr. Vítor Frade, criador de uma nova metodologia para treinamento de futebol chamada Periodização Tática. O entrevistado é licenciado em Educação Física e Filosofia e cursou durante três anos o curso de Medicina. Foi docente da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto por mais de trinta anos e trabalhou diversos clubes de futebol. Atualmente é coordenador metodológico do F.C. Porto. Reconhecendo a limitação de publicações sobre a Periodização Tática, o objetivo dessa entrevista foi estabelecer um levantamento de informações a respeito desse método de treinamento.

Palavras-Chave: Periodização tática; Futebol; Metodologia; Entrevista.

TACTICAL PERIODIZATION: FOUNDATIONS AND PERSPECTIVES

ABSTRACT

This article presents the interview with the Portuguese Vítor Frade, creator of a new training methodology called Tactical Periodization. Respondent is licensed in the Physical Education and Philosophy. He was a lecturer at the Faculty of Sport, University of Porto and worked in various football clubs. He is currently coordinator of methodological FC Porto. Recognizing the limitation of publications around the Tactical Periodization, the purpose of this interview was to establish a collection of information about this training method.

Key-Words: Tactical periodization; Football; Methodology; Interview.

PERIODIZACION TÁCTICA: FUNDAMENTOS Y PERSPECTIVAS

RESUMEN

En este artículo se presenta la entrevista con el profesor portugués Vítor Frade, creador de una nueva metodología de entrenamiento específicamente para el entrenamiento de fútbol llamada Periodización Táctica. El profesor es en Educación Física y Filosofía. Fue profesor en la Facultad de Deporte de la Universidad de Oporto durante más de treinta años y ha trabajado en varios equipos del fútbol. Actualmente es coordinador metodológica del FC Porto. Reconociendo la limitación de publicaciones sobre la periodización táctica, el propósito de esta entrevista fue establecer un conjunto de información acerca de este método de entrenamiento.

Palabras-Clave: Tactical periodización; Fútbol; Metodología; Entrevista.

NOTA INTRODUTÓRIA

O professor Dr. Vítor Manuel da Costa Frade, é português, licenciado pelo Instituto Superior de Educação Física de Lisboa. Também licenciou-se em filosofia e cursou durante três anos o curso de Medicina. Por mais de trinta anos foi professor da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Esteve envolvido em equipes de alto rendimento esportivo como Boavista F.C., Rio Ave F.C. e F.C. Porto, trabalhando com renomados treinadores de futebol como Bobby Robson, José Mourinho, Tomislav Ivic, entre outros, obtendo uma série de títulos nacionais. É tido como precursor da metodologia de treinamento para futebol denominada Periodização Tática.

A entrevista ocorreu durante cerca de duas horas corridas no mês de novembro de 2012 nas instalações do Centro de Treinamentos Vitalis Park, do F.C. Porto. Durante essa conversa, busquei perguntar ao professor vários assuntos relacionados à pedagogia do esporte e especificamente à Periodização Tática (PT). Espero que também sejam de interesse dos leitores e que essa entrevista possa ajudar a elucidar algumas questões relativas ao treinamento de futebol.

1. Sabendo das diferenças que os jogadores apresentam dentro da mesma equipe, sejam elas culturais ou das experiências que tiveram no futebol, como canalizar os esforços coletivos para o modelo de jogo sem castrar a individualidade e a criatividade que cada jogador pode oferecer?

A primeira questão que você colocou aí, e referindo o modelo de jogo, leva-nos também a estar preocupados com o que é que quer dizer quando refere modelo de jogo. É que para mim, a noção de modelo de jogo, e jogo, e para alguma gente pelo menos que está na Periodização (PT) não tem nada a ver com a ideia que normalmente é dada quando se coloca a questão. Portanto, daí que eu diga que modelo de jogo é qualquer coisa que não existe em lado nenhum, todavia eu procuro encontrá-la. Parece um paradoxo.

Mas é precisamente para evidenciar que a noção de modelo de jogo não é aquela noção de modelo convencional que aparece escrita no papel, das pessoas, porque há uma coisa que é absolutamente fundamental que é saber qual é o nosso objeto de estudo. E o nosso objeto de preocupação. E o nosso objeto de investimento. Precisamente para evidenciar que em termos científicos, objeto quer dizer objetivável, caracterizável. Ora, um objeto em termos daquilo que preocupa a PT ou que preocupa o futebol é o jogar.

Ora, o jogar é qualquer coisa que se mostra, que se dá a ver, e ao dar-se a ver é identificável, tem uma identidade ao ponto de, mesmo o Barcelona jogando mal e com camisolas de outra cor, você dizer assim: Esses gajos são o Barcelona, ou estão a jogar à Barcelona. Então é em função de quê? Deles dizerem: olha, estamos a jogar à Barcelona. Não. É do modo como interagem, as interações múltiplas, que é aquilo que caracteriza a natureza do objeto, promovem uma configuração, uma forma, tem uma morfologia. E, portanto, para mim, modelo não é isso que habitualmente se diz. É aquilo que olhamos... e nos leva a dizer, eles estão modelados. É como o sistema nervoso, como sistemas bioquímicos que modelam-se. Portanto ficam com uma estruturalidade que lhe dá uma funcionalidade em função do tempo que se sujeitou a alguma coisa, portanto, eles estão modelados em função de uma modelação.

O que a Periodização Tática pretende é ser ativa nisso, direcionar a modelação. É por isso que falava inicialmente que a primeira premissa é de fato a ideia de jogo. E é daí

que resulta a primeira Especificidade. Portanto Especificidade é, portanto, nesse caso, com reticências digamos assim. Porque embora ela vá condicionar o que vai acontecer e daí a chamarmos de Intenção Prévia, a Especificidade efetiva é aquela que em cada momento, em termos tendenciais, se vai mostrando. Essa é do foro do fazer.

Portanto, essa resulta da conjugação sistemática na atuação dos três princípios metodológicos, que funcionam num padrão de conexão. Padrão de conexão que é salvaguardado pela presentificação semanal do morfociclo. Portanto, há que levar a efeito no tempo determinada coisa, por isso é que lhe chamo periodização, que é o tempo e os períodos que a gente contempla cuja unidade é a semana, mas que se diferenciam relativamente. Nós jogamos com esses, com aqueles, jogamos antes, depois, mas esta realidade tem uma padronização... E isto para quê? Para que o objeto de estudo ou a objetivação se possa fazer através do jogar. Portanto isto é um processo cultural. E que é deliberado. Há deliberação para que isso aconteça em função do treinador, de haver uma ideia e etc. Para que venha a constituir-se em todos como um hábito ou habituação que é adquirida na interação, e essa habituação não é do foro do individual, mas sem o individual não existe, não é do foro do coletivo, mas, sobretudo sem o coletivo não existe. Agora é direcionada ou condicionada ou sobrecondicionada pelo coletivo, mas proporcionando para que isso não seja uma fôrma ou formatação, que a mobilização para isso seja pelas subjetividades individuais.

É por isso que eu lhe chamo auto-eco-hetero. Auto porque tem que ser através da iniciativa dos jogadores... Porque senão é querer uma “manada”... E é o que acontece muitas vezes, a gente verifica que treinar é treinar com teleponto, tás a perceber? Quando é o contrário daquilo que deve ser a Periodização Tática. Por quê? Poderia dizer-lhe que é absolutamente fundamental que se entenda cada um dos elementos fundamentais, para seu reforço, como sistemas não lineares. E você tem que saber que, por exemplo, a tomada de decisão (melhor até, as escolhas), mas às cavalitas dos hábitos dos indivíduos, é um sistema extremamente sensível às condições iniciais. O que é que eu quero dizer com isso? O simples fato de eu decidir driblar ou não driblar, o que vai acontecer a seguir é manifestamente diferente.

Portanto o que é que demonstra, eu não posso abordar a contradição sem estar perante a contradição. Faça-me entender? Mas isso, você só não perde o fio da meada se você, como a Periodização Tática faz, entender os elementos fundamentais, todos eles na onda duma causalidade não linear. Não é falar da boca pra fora, e depois ser o mais linear que se pode ser.

2. Portanto é tratar a complexidade com complexidade?

Com complexidade. Pode diminuir o grau de complexidade, mas sem perda de complexidade. É por isso que eu digo a redução sem empobrecimento só se dá se de facto aquilo que é a natureza do objeto não se perder. Quer dizer, eu passo a água da garrafa para a chávena, mas não perde o feitio que é provar continuar a ser água, portanto aqui são interações múltiplas levadas a efeito em conflitualidade, em confronto e possuídas de simulacro. Ou seja, tem que existir ordem e divergência. A ordem é que sustenta o grupo para existir como grupo, mas dá-se a conhecer sem deixar conhecer-se, por isso o simulacro, eu não posso perder isso.

Posso descomplexificar, mas não posso perder isso. Eu ao perder isso, estou a ser mecânico, e quando eu entrego o treino ao teleponto, o treino e a evolução entre os individuos ligam-se aos automatismos, e eu estou a perder a consciência. Consciência passa a não ser precisa, estou a nivelar por baixo, isto é, ao nível do que têm os bichinhos.

É precisamente ao contrário, e se fizeres ao contrário, o automatismo não é qualquer coisa que se fixa duma vez por todas, é qualquer coisa que se vai formatando na abertura para cada vez mais. Isto é a concepção de automatismo para a Periodização Tática. Portanto como vê a necessidade de, ao entender isso como estou a dizer, tem-se a necessidade de mergulhar em várias áreas que nos auxiliam para isso: a 2ª cibernética, teoria dos sistemas, teoria do caos, as neurociências, a geometria fractal. Mas eu não posso depois estar a “papaguear” isso quando estou a falar de futebol.

Até nas chamadas ciências da complexidade, o nome é incorreto, porque o que é complexidade é uma problemática e a complexidade existe em várias áreas. Portanto a

problemática da complexidade está espalhada por várias coisas, porque o tratamento da complexidade em cada uma das áreas é específico em função da singularidade da área... se não abstratiza-se. Ora, o que acontece, independentemente da necessidade, e aí eu ter feito uma série de investimentos, ter andado em várias faculdades... mas não foi para fugir do treino, foi para sair do que conhecia melhor para o que conhecia pior para daí trazer qualquer coisa para o que conhecia melhor. Mas a Periodização Tática é um conhecimento, ou melhor, é um saber autonomamente constituído. A Periodização Tática tem conceitos ou categorias como você diz muito precisas para tudo isto. Ela só era qualquer coisa que valia a pena se se constituísse como um saber autonomamente constituído, que é o que ela é, Percebe?

Portanto, a noção de modelo é isto mesmo, é condicionar a temporalidade existencial de um grupo à vivenciação de determinadas coisas no sentido de que o subconsciente ou o não consciente seja responsável pela espontaneidade, os automatismos onde uma particularidade dessa funcionalidade coletiva se apresenta ou se mostra, como eu costumo referir... Cada indivíduo é livre de agir sem poder agir livremente. Portanto, isto é uma racionalidade que não é muito comum nas outras áreas, portanto, a noção de modelo para mim é outra coisa.

Mourinho tinha uma definição, uma exclamação, quando lhe faziam essa pergunta, ele dizia: Para mim, modelo é tudo! E é. É tudo e mais alguma coisa. Porque muito desse tudo a gente não conhece. Muito desse tudo está pra vir. Agora eu não posso perder o azimute. É por isso que eu lhe dizia, digo sempre, num processo de treinabilidade, o futuro é o elemento causal da interacionalidade. Mas o futuro como perspectiva, como ideia. Por isso é que eu digo, o modelo de jogo é qualquer coisa que não existe em lado nenhum... não existe como tal, mas a configuração...É como eu, aqui, quando estive agora a falar consigo, eu sabia do que vinha falar, porque você tinha me dito, mas não sabia e não sei o que vai sair daqui. E é isso que se deve aspirar que aconteça, na treinabilidade.

Portanto, agora, repara, você colocou-me ainda também uma parte da questão que era... sendo os indivíduos de diversos sítios. Não há nada mais difícil de sair disso aí, do que

de um tique ou os indivíduos drogados. A primeira condição é eles quererem sair, mas mesmo assim não saem logo. Têm que se sujeitar a um processo por quê? Nós pensamos que chega dizer sim porque o consciente está no topo do *iceberg*, mas a maior parte do *iceberg* está abaixo. E isso funciona até por conta própria, o que nos faz ter sonhos esquisitos, faz os gajos sonâmbulos andarem. Portanto é muito complicado. Mas é através de um processo balizado... porque eu tenho um outro conceito que uso, que é: no início, quando um processo se inicia, o que domina no fazer é o saber fazer. E nesse momento, há discrepâncias, há equivocidade, há conflitualidade no sentido de não irem todos para o mesmo sítio. O jogar na cabeça de cada um é diverso. Portanto isso no início é de fato assim.

O saber fazer de cada um pode gerar conflitualidade, mas o que revela, dado que é um saber fazer no futebol, revela semelhanças, revela afinidades. E o ponto de partida de um bom treinador é sempre este, partir do que tem. Não é no sentido do que falta-lhes... Não! Eles têm! E tentar em função do que aspira dar-lhes coordenadas para isso se processar melhor. Contrariamente ao que se diz e se ouve frequentemente, que a Periodização Tática deve ter em atenção o treinar comportamentos... Isso é ser burro! O que a periodização tem é que periodizar ideias. Coloca ideias diversas, para quê? Para que o saber fazer, se transforme concomitantemente num saber "sobre" um saber fazer. E esse saber "sobre" emana das ideias que a gente coloca, fazendo crescer o entendimento do jogo, mas sabendo que do consciente para o não consciente demora muito tempo, por isso é que as pessoas aprendem a nadar no inverno e não no verão. No verão andaram lá, e no ano seguinte vão lá e dizem: Já sei...! E, é não perder essa temporalidade, requisitada para todos os seres vivos. E para os seres humanos é onde o processo é mais lento, precisamos de mais tempo para nascer e temos uma infância mais prolongada. Mas também temos uma vantagem, que é a plasticidade. Plasticidade funcional ou neuronal se quisermos.

Repara às vezes as pessoas raciocinam numa forma impeditiva, ou seja, parece um contrassenso, então como é que raciocinam? Porque estão possuídas de juízos de valor ou preconceitos. Às vezes até dizem assim: é inato. Não. Sabe-se que o inato é em si adquirido. E o inato, a genética passou a utilizar termos novos, como epigenético,

ecogenético... Precisamente para a importância de que qualquer pentelho, mesmo qualquer gene, na importância da relação com o meio envolvente. E daí que alterações bruscas ou sistemáticas possam lesar isso. É por isso que filogénese e ontogénese são coisas diferentes.

É por isso que mais uma vez a especificidade é importante. E daí eu lembrar que há o prêmio nobel da química deste ano que disse isso, precisamente. Portanto, repara que se você tiver dois filhos gêmeos em Portugal... eu digo-lhe mais até... uma pessoa qualquer que tenha dois japoneses ou dois chineses, tem dois filhos gêmeos chineses, e no momento do nascimento um veio para Portugal e o outro fica na China. E este que fica em Portugal fica em uma família portuguesa. Esse gajo não fica a falar chinês. Há aspectos que se mantém, mas ele não consegue falar chinês. Duma forma diferente, é a mesma coisa, você tem um bebê, se o expuser a três ou quatro línguas, ele é bilingue, trilingue, é não sei o quê... Mas depois... Burro velho não aprende línguas, não é? Portanto, o mesmo raciocínio é válido para a Periodização Tática.

Ora, a noção de modelo é central, mas para agarrar a fenomenologia, percebes? Para agarrar a fenomenologia! E se ela já é complexa, só equacionando o indivíduo e o jogo. Tenho que perceber que o jogo é complexo, é essa ideia às vezes, que o jogo é qualquer coisa como que um filme que está a passar à frente dos jogadores. Não! Se os jogadores pararem, não há jogo. E muito do que vai acontecer... ou seja, o instante, que é uma coisa diferente do momento, o instante, “o-aqui-e-agora”, seja em que momento do jogo for, utilizando a terminologia mais tradicional, que é o ofensivo, o defensivo e não sei o quê, em qualquer momento que seja, o instante, “o-aqui-e-agora” tem muitos futuros possíveis.

O que acontece é que depois de responder, escolher, isolou os outros, através de inibição por contato. Portanto, depois de fazer já não podes voltar atrás, mas no momento de decidir, e quem decide é quem decide, e quem decide... É por isso que eu digo que a tomada de decisão ou a percepção... A percepção deve funcionar para perceber, não é para automatizar. E no ato de perceber ou no ato de decidir, o sistema é extremamente sensível às condições iniciais. Portanto, o contrário daquela

gente que quer uma espécie de catalogação das possibilidades, e depois quer ensinar o que diz que é e o contraditório.

Não, quem decide quem faz essa escolha é quem joga e no momento da presença da contradição. Portanto a noção de modelo é para chamar a si todos os pilares essenciais da fenomenologia e depois analisá-los e entendê-los em conformidade.

3. O professor falou sobre a questão dos estímulos do ambiente, dos chineses que estão em Portugal e que não vão falar Chinês. É por isso que dentro da Periodização Tática não faz sentido o trabalho com o que tradicionalmente se faz com musculação, preventivos, porque parte-se do princípio de que a função faz o órgão?

Sim, isso é uma aberração, percebe? Isso é uma coisa que para mim é mais do que imbecil, quando pensada para o Futebol... Porque é não entender minimamente o que nós somos. O que é que nós somos? É não saber o que é um músculo. Uma cadeia muscular. É não saber que o músculo tem uma enervação. É não saber que o músculo tem vários limiares de excitabilidade ou funcionalidade. É não saber que cada fibra, além de ter uma diversidade de miofibrilas, é não saber que há fibras intra e extra fuso neuromuscular. É não saber que para responder a motricidade tem um sistema piramidal, mais voluntário. Mas é não saber que ela é interferida ou é influenciada pela proprioceptividade, interoceptividade e exteroceptividade ao fuso neuromuscular que ligado ao anel gama, se liga também à via extrapiramidal e, portanto tem a ver com aquilo que no sistema límbico se diz como automatismos culturais, psicológicos, emocionais. É não saber nada! É não saber que os músculos, tendões, articulações, têm receptores sensíveis... Os mecanoreceptores, e tudo isso é importantíssimo para o *timing* de ajustabilidade dos músculos entre si e desta na resposta ao envolvimento, sendo cada um de uma complexidade extraordinária. É não saber da relevância da área suplementar motora e da significância da “contextualização” dos neurónios espelho, etc, etc.

Mais, para pensar bem no futebol temos que ir para a evolução, para o bipedismo. E sabemos que a própria representatividade cerebral do trem inferior é diferente da do trem superior. Porque na hominização a parte de cima se emancipou para se obter uma

conveniente relação com o envolvimento, coisa que não aconteceu com a parte de baixo, que foi para se locomover e para estar de pé. E isto tudo tem a ver com a dimensão fundamental da motricidade humana que é a função tónica. Nós no Futebol queremos quase que inverter, porque queremos que os pés façam o que as mãos devem fazer, sobretudo os do Messi, ou dos jogadores brasileiros, ou do Neymar por exemplo. É ser cretino, é ser ignorante não “estar” com isto se é atrevido ao fazer a defesa da musculação para o Futebol.

E depois, a pensar que a força acontece em função exclusivamente da hipertrofia muscular. Se a gente vir qualquer gajo das lutas, os gajos parecem que vistos de frente são iguais a vistos de lado ou vistos de costas, e mandam cada cacetada com os pés... isso é ser cretino, é ser ignorante, se faz a apologia para o Futebol. E depois defendê-lo é ser atrevido. Eu nunca me dei mal com os ignorantes, quem julga que sabe tudo é burro, é ignorante. Mas quem não sabe e é atrevido faz-me saltar a tampa. Eu costumo dizer: Olha eu não sou, livro-me porque, além de ter mais de uma licenciatura, andei em muitas faculdades, e tenho mais de 20 mil livros comprados por mim, portanto eu não tenho essa mania, eu não me canso de ser curioso. Incomoda-me quando aparece alguém a dizer essas barbaridades. Bastava só identificar... É menos marcante num tipo de morfologia, um gajo tipo o Cristiano Ronaldo, e aí lesionar-se menos do que quando este tipo de “preocupações” acontecem em indivíduos com perfil de motricidade estilo Iniesta’s, são mais frequentes.

Isto é a vertigem da simetria macho. Nós só somos simétricos na prancha anatómica. Aí é que a anatomia é assim. De resto não temos nada a ver com isso. Portanto, a Periodização Tática é afinação, é precisão, ou seja, vou lhe dizer mais, a refutação da noção habitual que se tem de técnica, que é uma abstração. Periodização Tática promove a fundamental, a precisão. A precisão na diversidade dos contextos a enfrentar, e a necessidade de precisão na variabilidade de contextos vai dar uma instrumentalidade padronizada em função das semelhanças nos contextos, e essa é que é a técnica para a Periodização Tática. Mas é a técnica que os jogadores conquistam. A outra é a técnica que os treinadores têm e injetam. Portanto é em função... Daí eu dizer que é importantíssimo, que embora muita gente estabeleça uma relação quase de absoluta,

afinidade minha com Mourinho, não é verdade. É no sentido de amizade, e do reconhecimento da sua genialidade, mas não é na opção de jogo, sobretudo tendo em conta a formação. Portanto é essa necessidade dum jogar a TOP, dum jogar de qualidade, e que sendo de qualidade privilegia, acentua a importância do ofensivo, mas não podes descuidar do defensivo, os desequilíbrios, etc.

A preocupação do cumprimento do morfociclo semanal contempla essa capacidade de ser... Só que digamos assim... Uma noção, através de uma solicitação dos músculos, fundamentalmente, do trem inferior, pernas e pés funcionarem em graus de liberdade de uma amplitude significativa, têm também de se adaptar, às exigências competitivas, se não o gajo cai e perde em confronto com os outros. Fazendo com que a capacidade do músculo em suportar tensão elevada para mudar, virar de sentido, mudar de direção, se possa fazer com mais facilidade. No futebol é extraordinariamente importante travar. Como na fórmula 1, é mais importante travar do que acelerar, e isso faz com que sejam importantes as velocidades todas, as velocidades da velocidade. E a Periodização Tática contempla isso. Mas em função de uma riqueza de jogo, o jogo para a Periodização Tática é mais um labirinto, que um mapa.

Portanto, como te disse, agora é preciso que se saiba que há uma série de coisas que são impeditivas do raciocínio conveniente, e uma delas é uma coisa que foi colocada, salientada, eleita como fundamental para tudo o que tem a ver com atividade física, que é uma cagada, uma estupidez para uma atividade coletiva, que é correr mais tempo, saltar mais alto, e correr mais rápido. E isso é um crime quando sendo diretor da funcionalidade, isso tem a ver com outra lógica que a Periodização Tática banuiu e contesta absolutamente.

Depois eu dizia-lhe, eu próprio, estive 28 anos a TOP... E só no FC Porto, mas também não só a TOP, vou fazer 23. E tenho experiências múltiplas incorporado em equipas técnicas na primeira equipa. E tenho uma, de três anos que trabalhei com o Bob Robson, conjuntamente com o Mourinho que era adjunto comigo, em que numa época que ganhamos, o Porto ganhou o campeonato nacional, ganhou a taça de Portugal, ganhou a Supertaça, foi às meias finais da liga dos campeões com o Barcelona, ainda era só uma mão, perdeu em Barcelona, 3x0. E nesse ano, fez entre oficiais e particulares, 72 jogos.

Esteve 55 sem perder. O que é que isto revela? Revela de facto alguma coisa, mas revela muito mais se lhe disser que, culturalmente, o Bob Robson era avesso às substituições, só se necessitasse delas por castigo ou lesão. Portanto nós fizemos esses 55 jogos com 13 jogadores unicamente. Portanto, treinando só uma vez por dia, é prova de que não houve lesões. E era a equipa que mais remates fazia, que mais cruzamentos fazia, que mais golos marcava, jogando um Futebol dito cavalgado. Isto tudo sem lesões, a TOP. Portanto, alienando por completo tudo o que eram prerrogativas convencionais. Mas não é um click não, dormi um dia e sonhei com a Periodização Tática. Não é nada disso.

Ainda hoje, 40 anos depois, me entretenho, e quando você chegou estava aqui a fazer umas coisas que resultaram do treino de hoje de manhã, de eu estar alí a ver. Vêm ao encontro do que a gente está aqui a dizer, e que eu estava a alinhar para não esquecer. Coisas relevantes. Mas isso só para lhe dizer que, eu costumo até dizer que sem o terreno, e independentemente de estar 33 anos na faculdade, já me reformei há 3, se o terreno não existisse, eu tinha muito mais dificuldade em solidificar isto do que tive estando no terreno, e passando pelas situações cruciais. Porque eu trabalhei com mais de 20 treinadores, tá a perceber? Com uns mais, outros menos, com todos eles, mais ou menos foi possível dar corpo, e, portanto eu ver que a coisa tinha de facto fundamento.

E foi de facto o Mourinho que exponenciou, digamos assim, ganha o que ganha, sai para os jornais e não sei o quê. Eles inicialmente faziam muito esforço para salientar que não trabalhavam como os outros, agora vão fazendo menos, mas não tenho dúvidas nenhuma... Mas também tenho a certeza que vou morrer, e quando cá vier, 100 anos depois, vão aparecer os mesmos palermas a dizer... são ignorantes, gente que não pensa e não presta. Você provavelmente não leu, mas se ler o primeiro livro que aconteceu sobre a Periodização Tática, são quatro ex-alunos da faculdade que o fizeram, sobre o Mourinho, porquê tantas vitórias? Já na contracapa Mourinho dizia: Isto está sensacional, mas daqui a 50 anos a maioria não vai perceber o que estes gajos estão a fazer. Não fui eu que disse, mas, portanto, subscrevo quase por inteiro.

4. Mas essa ideia da musculação, da simetria... A ciência, a medicina, a fisioterapia, elas não contribuem para esse entendimento?

E para o desentendimento também. Por isso eu lhe falei no início que o fundamental para analisar as questões é o objeto de estudo de cada coisa. E eu digo-o a mim próprio, na minha experiência. Sou licenciado em filosofia, andei metido na medicina... Eu também necessitei ou achei que isso era importante para mim. Mas eu costumava dizer que a filosofia, a fisiologia, a anatomia, a antropologia, a sociologia, tudo isso é importantíssimo para o curso, mas cada uma por si para o futebol são negativas, não sei se me fiz entender. Pelo simples facto de para cada futebol ter uma fisiologia diferente, estás a perceber? Mas, não só!

O que eu quis dizer foi que, repara, o pensamento oriental diz assim: Todas as artes marciais dizem que na luta, a gente não deve fazer força contra a força, deve aproveitar a força do adversário para poder vencê-lo. E eles dizem também que o que está em cima é igual ao que está embaixo, e vice-versa. E disse que por isso me lembrei do premio Nobel da química, você tem que estabelecer o melhor possível uma relação de afinidade e não conflitualidade do corpo com o corpo e os outros corpos, através da empatia, de uma infinidade de coisas. E hoje as neurociências, ou pelo menos a neurociência atrativa, trata disso de acordo com o padrão de funcionalidade e o padrão de problemas que se coloca, isto é, o padrão de problemas no futebol, embora com diversas nuances, tem uma matriz que é jogar futebol. Portanto, tudo o que seja perda dessa padronização, como Damásio diz, desse mapeamento, tudo que seja perda de semelhança, é conflito pernicioso.

Ora, eu disse à bocado, que um dos males é não só a simplificação do jogo, pelo empobrecimento, como a simplificação do indivíduo, pelo empobrecimento. Portanto o que acontece em relação ao entendimento que se faz do indivíduo! E então no futebol, é absolutamente fundamental que esta lógica de relacionamento ou de inter-relacionamento não se perca. E ela perde-se quando você elege qualquer dos convencionais indicadores como fundamental, acontecendo como no cancro, quando se emancipa uma célula das outras, mata depois as outras. É o que acontece.

Portanto, depois repara, tudo isso ainda é muito pior se você andar 90 minutos a correr com 80 ou 90 kg às costas em vez de com 60 kg. Só quem nunca experimentou...Repara, podemos fazer essa experiência: você vai buscar o Neymar, que é capaz de fazer três jogos separados por três dias, está no apogeu e você vai e se ele jogou hoje e quatro dias depois vamos fazer com ele um jogo de basquetebol, no dia seguinte ele está todo morto, todo partido, dói-lhe tudo. Portanto repare que se ele fizesse um outro jogo de futebol, não ficava assim. Raciocinem! É por isso que a Periodização Tática defende que a recuperação que leva a efeito tem a mesma lógica que o desempenho, só que a densidade é que é diferente. Portanto, a melhor recuperação que há contrariamente ao que se diz. É recuperando, é descansando. Só que eu posso não fazer nada fazendo alguma coisa. Fazendo o quê? A mesma coisa que me levou a cansar. Só que não da mesma maneira, isto é, pouquinho. Estimulando. O pano de fundo é descansar, mas achar instantes em que aquilo que vou fazer é exatamente a mesma coisa que me levou a cansar. Isso é possível se, por exemplo... O meu jogar é o do Barcelona, e eles jogam com muita bola no chão. E eu posso para efeito de agilização, fazer a mesma coisa mas fazer com que a bola ande mais aérea. Abre as coordenadas de relacionamento das coisas, porque a perda da agilização é um contributo enorme para a perda da funcionalidade e para a lesão, mas através de “pacotes” temporais ínfimos.

5. O que seria essa agilização?

Agilização é o corpo estar disponível para a diversidade e adversidade incluída naquilo que aparece sem você contar e dando-lhe resposta. É ser ágil. Portanto, isso é importante. Você pode fazer qualquer coisa em que tem que dar a bola e ter precisão, mas fazendo tênis-futebol ou rede em cima, não foge do padrão mas promove nas cadeias musculares uma funcionalidade alterando uma coordenada, uma variável, para a não perda de agilização. A funcionalidade “encolhe” a mobilidade. É por isso que eu digo que em termos de Periodização Tática o cuidado que eu tenho que ter é afinar porcas e parafusos sistematicamente. É como os gajos da fórmula um, que fazem uma competição no domingo. Até ao domingo seguinte continuam a afinar até de manhã. Este binômio desempenho/recuperação é fundamental. Para mim e para a Periodização Tática, é mais importante a recuperação do que o desempenho. Eu não estar recuperado, fresco, meu desempenho não é máximo. Eu posso ter vontade, mas é vontade cega,

porque eu não posso. E é também por essa razão que a incidência... Como sabes temos diversas gasolinhas, as pessoas pensam que o mecanismo anaeróbico, aeróbico, funcionam separados. Não. Eles trabalham sempre em simultâneo, a percentualidade de manifestação é que é diversa em função do relacionamento com o jogo e daí a adaptabilidade específica assente também num suporte bioenergético específico, resultante do “entrelaçamento” específico dos metabolismos energéticos.

Portanto, você respira e precisa captar oxigênio, precisa conduzir o oxigênio para se fixar a hemoglobina, os glóbulos vermelhos, e depois levar para o consumo local através das mitocôndrias e tal. Mas isso é um processo dinâmico. A articulação disso se faz de modo diverso em função das condições existenciais que nós enfrentamos continuamente. Até existe a poliglobulia, que são os gajos que “moram” lá bem para cima, e adoecem! Portanto este namoro continuado dá um determinado casamento. E só a Periodização Tática equaciona isto assim. Portanto vamos fazendo também em função dos metabolismos. Repara, vou lhe dar um exemplo, extremo, porque o absurdo nos coloca melhor perante as coisas. Só a Periodização Tática foi pensada como metodologia, exclusivamente para o Futebol. Sublinhe o exclusivamente.

Você faz um *Sprint* máximo de 30 metros, e lhe dizem que é um esforço máximo, de velocidade máxima, é um esforço anaeróbico. Depois você morre? e depois de você fazer o que acontece? Você fica em débito de oxigênio, você então capta oxigênio para recuperar. E isso não conta? Não se passa nada? Passa de tal maneira que se você vier e não der tempo suficiente para recuperar e quiser fazer outra vez repetição máxima ainda fará perto do máximo, mas se fizer outra vez e descansar só meio minuto, se calhar daqui a pouco estará só no glicolítico e depois está no aeróbico. Mas duma maneira diferente, se você fizer e vier e descansar, enquanto está a descansar o aeróbico toma conta de si, e vai fazer inclusivamente com que o residual de ácido láctico que ficaria na circulação e depois iria para os músculos, possa ser varrido em função da entrada do aeróbico que está a acontecer, e retoma através do ciclo de Cori e possa outra vez funcionar.

Portanto é importante o intervalo. Ora você pode, contrariamente ao que o pessoal pensa, ter a maioria das vezes os jogadores todos a descansar, sobretudo num tipo de jogo. E estão mais tempo a descansar, até se diz, com bola os gajos andam no máximo dois ou 3 minutos, no jogo todo.

Portanto é fundamental que nós habituemos um organismo... se você quer ser fundista não vai treinar como velocista. Portanto no futebol para que você seja rápido a jogar bem, tem de estar fresco, e só estando fresco é que você anda a pensar bem, e isto é uma lógica completamente diferente da lógica pensada habitualmente. Não precisa dessas merdas, nenhuma, precisa de gente inteligente e que entenda isso em condições e que perceba depois bem aquilo que é de facto fundamental no que eu lhe disse à bocadinha, que é o saber autonomamente adquirido, que é representado no morfociclo.

O morfociclo é uma espécie de fractal de todo o processo. É uma espécie de isomorfismo de um processo. E é uma coisa relativamente simples, mas lida e levada às últimas consequências, é extraordinariamente complexa, porque aquilo é uma representação, por exemplo, as cores, simbolicamente elas representam qualquer coisa. Portanto digamos assim, uma coisa é o mapa da mina, mas não é o território. O mapa está sempre aquém do território, porque o território é a consequência e a consolidação de termos utilizado o mapa, e descobrimos coisas no território, e se descobrimos foi no território e se descobrimos foi através do mapa, melhorando a “perfeição” do mapa.

6. Nós ouvimos outras metodologias falando sobre picos de forma. O Morfociclo, como há pouco referimos, vem justamente no sentido contrário, ou seja, nós não queremos nenhum pico de forma, queremos uma estabilização?

É corretíssimo, eu acho que tudo isso são raciocínios que obedecem a uma lógica, digamos que mais ou menos, Matveeiana, que não tem nada a ver com a Periodização Tática. Portanto essa lógica até interpreta a periodização de uma forma diferente. Quando eu coloco o termo Periodização Tática, é provocatório, porque eu já sabia que viriam gajos a dizer: Periodização não é isso, quer dizer isto. Os gajos dizem prestação no desempenho desportivo. “Não podem” chamar isso, porque antigamente chamávamos de prestação quando comprávamos um carro não a pronto e não

pagávamos logo, pagávamos a prestações. Portanto quando utilizei o termo foi provocatório.

Mas esses ciclos de periodização têm uma lógica completamente diferente, não funcionas por etapas, ou fases. A Periodização Tática não tem etapa nem fase nenhuma. O que é fundamental é que logo no começo, logo no primeiro dia do morfociclo... E *morfo* por quê? Porque o que domina, o que é uma espécie de Imperativo Categórico, utilizando uma terminologia do Kant, é a Especificidade, a Especificidade que é a geometrização da funcionalidade, que advém do levar a efeito o princípio metodológico das propensões. Morfo que é levada a efeito, portanto, com o quê? Com os princípios metodológicos, com a Propensão... Os exercícios, o jogo no início, não é começar a jogar de uma forma menos complexa, é não ser possível a máxima qualidade, mas que isso vá acontecer ao longo de todas as outras semanas, portanto não é primeiro temos que ganhar resistência, etc, etc. Se não melhorar o aeróbico depois não pode ser veloz, o que é a mesma coisa que você querer beber vinho, mas primeiro ter que começar a beber água. Não, começa a beber um bocadinho, um cálice de vinho pequenino, se calhar ficas corado, precisas de um intervalo grande, e vais aumentando até beber um garrafão. Portanto a lógica é uma lógica completamente diferente.

E eles até propunham planos quinquenais, como em termos políticos faziam a mesma coisa, partindo do pressuposto de que o período dito preparatório, eu digo dito porque quando muito na Periodização Tática ele prepara a possibilidade de você entrar no período competitivo a ganhar, porque precisas de um tempo para que aquilo que está a resultar em esforço e fadiga possa constituir-se como uma aquisição e demora um tempo, para se constituir como uma adaptabilidade. Isto não é feito à revelia total do convencional, porque a Lei de Roux, Arndt-Schultz diz que a fase de exaltação atinge-se após uma falência de funcionalidade ter acontecido, que vai destruir a estruturalidade para dar aso a outra funcionalidade e lógico outra estruturalidade.

Eles utilizam o termo parabióse para depois, e isto, eles depois dizem, cada um dos metabolismos tem um tempo diferente para que a fase de exaltação se dê e depois a utilização da fase de exaltação para a aplicação do novo esforço. Mas eles também

dizem que deve fazer-se a meio ou sem a totalidade do tempo de recuperação. Não. São lógicas completamente diferentes.

A você o que interessa? Interessa o jogar. Você vai estar num período que ao invés de jogar no relvado voa? Não, você tem que jogar, jogar sempre. Em função da estabilização disso. E só estabiliza estando nisso e descansando quando está cansado para voltar a jogar. Portanto, é muito mais um princípio de estabilização que demora o seu tempo, mas que chega lá tanto mais rapidamente quanto mais cedo se equacionar tal qual. E daí eu lhe dizer que o que você tem que fazer logo na primeira semana é o morfociclo ser idêntico ao de todas as outras semanas. É sempre a mesma coisa. Se você garante exigência e descanso... Foi isso que fizemos quando começamos a andar faz milhões de anos, e andamos. Embora eu utilize alguns termos que são os mesmos, que é fundamental, por exemplo, eu abomino o termo carga porque carga... O desempenho já tens de saber o que é. E o que me interessa são desempenhos de jogo, e, portanto a carga rege-se, é consequência lógica da utilização de uma outra determinada relação, e que privilegia primeiro uma coisa que eles chamam resistência, e resistência garantizada pela saliência do metabolismo aeróbio, e cujo tempo é vasto para ela apresentar índices significativos e que só depois destes é que passa para a dita melhoria dos glicolíticos. Não. Repara que eles dizem que é intenso quando é veloz. Eu pergunto: quando o gajo vai marcar um pênalti, não é intenso? É por isso que eu chamo de intensidade máxima relativa, é sempre máxima, mas relativa em função da complexidade contextual. E é com isso que eu tenho que jogar na quinta-feira, na quarta e na sexta-feira. Diminuo a complexidade em função de mexer nos espaços, número de jogadores ou até na intervenção. O termo estímulo é muito perigoso. É estímulo mas é um padrão, e o aquisitivo, a resposta, faz-se por mediação, não vem logo. É uma coisa manifestamente diferente.

E depois a regularidade da resposta vem da não consciência, quer dizer, você não precisa pensar para correr. O espontâneo é quando está automatizado no bom sentido, quando é um meio para e não um fim, entendeu? E que é isso que a Periodização Tática promove. Portanto, o que é que eu lhe quero dizer? Tudo que é convencional estraga a Periodização Tática... Eu leccionei 13 anos a cadeira de Teoria e Metodologia do

treinamento desportivo. E eu tinha que dar, sobretudo o convencional, porque é isso que estava e está institucionalizado. Só a partir do momento, mas aos meus alunos mais antigos que são os professores mais antigos lá agora, a todos eles lhes dizia: pá, eu estou a dar isto mas eu não estou de acordo com isto. Quando eu comecei a dar a cadeira de especialização em futebol, eu disse: não, aqui não é, é completamente diferente. Agora você veja, por exemplo. O que eu estava aqui a fazer resultou do treino que observei de hoje de manhã e algumas coisas tem a ver com o que estávamos a dizer. Eu digo: O jogador, por insuficiência de saber o que é o indivíduo, do que é o jovem, é para eles simplificado resultando em empobrecimento. Que é o contrário do que é como pessoa, que é complexo, e do jogo, também complexo, e, portanto, aquilo que promovem habitualmente no treino, ou seja, a "interação" dos exercícios – que eu não chamo de interação porque promove reação, ele (jogador) não é agente, é reagente e, portanto ao ser reagente está a fazer um ditado, não está a fazer uma redação. Ele tem que saber fazer uma redação até para descobrir, ser criativo, ele tem que saber que tema é, e depois domina o tema melhor ou pior em função da informação que tem do tema. Por isso eu lhe digo que a periodização é assente sobre as ideias e não sobre comportamentos.

E então, o que esta interação ou esta reação faz? Estabelece uma relação que é muito mais uma reação do que uma relação, quer dizer, é através do teleponto, tudo o que tem que fazer já está pronto, e o que procuram é um comportamento sem ambiguidade, o que é o contrário daquilo que eu lhe disse inicialmente, quando falei de tomada de decisão, que é um sistema extremamente sensível às condições iniciais. E eles querem a não ambiguidade. Ora, o que ocorre, automaticamente, em função da prática continuada, de praticar isso, quando em jogo surge o piloto automático, para passar, para conduzir, para rematar, o que quer que seja. Ora, daí eu ter dito, que quando a gente delega demasiado neste caso, predominantemente nos automatismos vistos dessa maneira, que eu chamo muitas vezes... Nós poderemos criar mecanismos, mas não são mecanismos não mecânicos. Não é a mesma coisa. Nós somos um mecanismo, mas não somos mecânicos. Por isso é que eu lhe dizia que a percepção não é para mecanizar. É para perceber decifrando. O jogo não é um filme e eu (jogador) sou expectador. Há coisas que surgem que emergem depois. Ora bem, eles treinam comportamentos, não

treinam ideias. Não dão autonomia. Não funciona a auto-eco-hetero. E então, obriga isto a colar-se a cada um dos formatos formatados, que é o que quando estão usando as cartilhas de circunstâncias, até a dizer que existem os manuais com os exercícios prontos, que é uma estupidez.

Quando o objeto de estudo é o jogo, então deve ser o jogo e através dele, desde que ele não perca a complexidade, o aumento da complexidade está sempre em condições de se poder fazer. Estes formatos formatados resultam de uma lógica de aprendizagem negativa, que é aprendizagem por recepção: põem o funil... Que é linear. Por isso lhe dizia que a única ferramenta que conheço que é não linear para tratar de fenômenos não lineares é a Periodização Tática. Depois, naquele outro sentido, a aprendizagem deles tem preocupações de fazer triagens hierarquizando o que já conhece já existente no manual que têm. O que é que isto gera? Gera jogadores, ou seja, este manual tem uma coisa e aquilo que seria o seu contraditório, isto é, o que não pode ser perante a coisa... Isso depois acontece no “jogo”, não é isso e é aquilo. Isso é ser linear. Portanto voltando ao princípio, a Periodização Tática é um instrumento não linear pensado e parido tendo em conta uma fenomenologia não linear, que leva em consideração os indivíduos que são não lineares e o jogo, que é não linear. Eu tenho que saber isto. Não é papagaiar, tenho que saber porque o jogo e o indivíduo são não-lineares.

Para tratar isso, a ferramenta da Periodização Tática é a mais ajustada porque é não linear. O contrário torna os jogadores incapazes de se subtrair à complicação, o que faz com que os jogadores sejam equívocos, ambíguos, angustiados e tensos, porque este tipo de aprendizagem é o contrário da aprendizagem que deve ser por descoberta. Por recepção falta-lhes sempre mais. Isto leva a que o jovem e o jogador simplificado, portanto empobrecido, memorize mais e cada vez queira memorizar mais, apressar-se porque tem que memorizar mais. Portanto podemos dizer que se desenvolve uma grande “competência” no domínio dos automatismos, mas automatismos descontextualizados sendo portanto abstrações que é o tipo de processo dos gajos do *freestyle*, torna-se cada vez menos reflexivo portanto incapaz de, em concomitância com o saber fazer promover o saber sobre o saber fazer, portanto fora da Periodização Tática, é (o jogador) menos argumentativo, é reativo, e uma coisa fundamental para mim

completamente inapto em termos estéticos, em termos do jogo. Porque, não tem jogo, tem pedaços de jogo, portanto, os macro-princípios nunca são o referencial dele, aquilo que no fundo coordena, isto é, deveria coordenar.

Portanto, ou se quisermos, somos portadores dum saber fazer freestyle (risos). Logo, tem que saber sobre um qualquer que devia ser o sobre um saber fazer. Ora, o contrário que é que gera? Provoca, expulsa do futebol o desejar a consciência, a representação, o pôr em perspectiva, daí eu lhe dizer à bocado que o futuro é o elemento causal do desempenho do jogador. O modo como queremos jogar é uma coisa inteira, daí eu dizer que é uma inteireza inquebrantável. E também o demite da crítica, ora, isto que referi como necessário é aquilo que deveremos considerar, é o que faz de nós seres inteligentes e instruídos, e a linguagem como complemento da ordem do simbólico pode contribuir naquilo que tem a ver com a interligação da subjetividade... Portanto, o auto não está presente no que estivemos a criticar. Então, podíamos quase balizar depois de abordado isso, como consequência disto tudo, não se tem a necessidade da consciência. Por quê? Porque cedemos aos automatismos. E aos automatismos mal interpretados... porque há outras formas de interpretar os automatismos, como mecanismos não mecânicos. Não é qualquer coisa que se consegue e que se fecha de uma vez por todas, não é uma lógica restritiva da funcionalidade, mas antes pelo contrário. A exponenciação deve centrar-se numa matriz ou num padrão de diversidade que ela pode conter. Com o contrário, passa a não ter necessidade de uma coisa relevante, a intenção prévia com I (grande), isto é, como ideia de jogo. É por isso que a gente cada vez mais vamos ver os miúdos a jogar... E tem funerais onde se riem muito mais do que a jogar, porque eles trabalham e não jogam. Eles demitem a emoção, porque emoção catalisadora só vem quando qualquer coisa de inesperado aparece. Jogo! Portanto, adoeceram entre aspas, mas futebolisticamente eu tenho que perceber o que leva os miúdos a adoecerem.

Ora, a simulação das emoções resulta da conveniente utilização do Princípio das Propensões. Então, a possibilidade indispensável de um socioafetivo se afirmar vem em função da necessidade de empatia, que é estabelecer de facto uma emoção cooperante, e que depois, sendo livres para agir, mas não podendo agir livremente, então transforma-

se a emotividade numa sentimentalidade, na consciencialização dos princípios fundamentais. Portanto, a precisão é de facto, para dar resposta acertada, isto tudo é aquilo que eu lhe dizia, a técnica que os jogadores conquistam por descoberta, que é o contrário da “precisão” da técnica que os treinadores injetam e que resulta deste desvio *freestyleano*.

E o que se faz, quando perante o jogo, aquilo que dizemos que treinamos e que estava no teleponto não apareceu, não aconteceu, o que é que se faz? É uma lógica... volta-se a “imprimir”. E aí o treinar através do teleponto, de novo.

Acho que só se está na Periodização Tática em função de entender o jogo, ter um bom entendimento do jogo e entender que o jogo é jogado pelos jogadores. Só é bom jogo para os jogadores, se os jogadores se juntam, se se articulam, portanto se é um coletivo, isto é, cada um no tempo todo com ou sem bola não se sente só, desamparado. A não perda de liberdade, de individualidade, mas que não tem contemplações com o egoísmo. E é de fato essa complexidade que é preciso entender e isto só se consegue através de uma concepção de aprendizagem que não é muito aquela que vigora, que é a que todas as outras metodologias têm, é manifestamente demasiado linear para contemplar esta não linearidade. E, portanto a Periodização Tática se não for vista assim, não é, porque basta um pequeno pentelho para a fazer desmoronar.

Portanto, como lhe dizia a própria disposição que se coloca nos questionários, reguladora do anti-Periodização Tática que se tem habitualmente e que resulta do modo como nós estamos na escola, é expressão disso mesmo. Fazemos um catálogo de tudo que é vivo e quanto mais se “vive” nessa lógica, mais se sobrevive, mais tendência tem para poder deixar de ser vivo. Portanto, daí eu ter dado muita relevância a que o jogo é uma inteireza inquebrantável.

No jogo, eu posso estar menos preocupado com o defender e mais com o atacar, mas se eu não contemplar esta dialética eu estou a reduzir com empobrecimento aquilo que é a natureza da coisa, daí que eu lhe diga, a dinâmica, o tático é a organização que a equipa manifesta. E que é “entrelaçada” nos próprios e para quem vê, passível de ser

identificativa. Portanto a estratégia é o acrescento como complementar, e que tem a ver com a realidade que eu vou enfrentar. E não é o contrário, porque o tático é aquilo que me permite eu olhar para o Barcelona e identificá-lo sempre o do Guardiola, que é uma espécie de cultura tática, e é em cima disso que eu posso acrescentar gradativamente ao longo do morfociclo um conjunto de estratégias, mas sem nunca adulterar a lógica, o fundamental, porque só faz sentido sendo a estratégia sempre uma aposta complementar.

A tática é uma aposta no futuro, mas no futuro todo, na matriz do futuro, naquilo que você identifica, a estratégia é a aposta circunstancial, portanto é conjuntural. E os estrategos tem tendência a vertiginar a estratégia, e isto é um perigo. Muitas vezes acontece com facilidade, porque o tempo de separação entre os jogos é tão curto, que a necessidade de dar importância aos jogos que vão ter, e como não têm tempo para ressolidificar o que é matriz, os grandes princípios, os macro princípios, a equipa perde identidade. É por isso que a gente às vezes vê algumas equipas a TOP e diz: Pá, “jogaram” diferente. É evidente que há razões para isso acontecer, mas também há razões para deixar isso menos acontecer, porque na realidade o mais importante é não deixar acontecer, no sentido da inversão. A inversão da primazia digamos assim, da estratégia em relação aos referenciais coletivos, isto é, a cultura tática...Eu dou muitas vezes...Você se for um dia ver um gajo artista dito conceituado guitarrista, e vir o gajo a improvisar antes de abordar o tema, não deve acreditar no tipo. Primeiro vai ao tema, depois improvisa, o bom artista. Ora, o tema é a tática, depois no *jazz* também, eles improvisam, mas é à volta do...Ora, tem tanta mais capacidade de improvisar quanto melhor e maior é a riqueza do domínio do tema.

Daí que eu diga que a qualidade de um jogar dá-se pela maximização concomitante da redundância com a variabilidade, da ordem e o diverso. Mas a ordem... E às vezes o diverso é tão rico que até nos faz não ver a ordem, mas há uma ordem subjacente que sustenta isso. Agora, pode ser, e normalmente a TOP é, é construída deliberadamente. Como a gente identifica, você não sei se já foi, eu já fui à Arábia, são culturas diferentes, e antigamente se referia muito isso... Os esquimós, quando estavam apaixonados e antes de terem uma relação sexual, o beijo deles era esfregar nariz com

nariz. Isto é que alterava a sensualidade e etc. Portanto a Periodização Tática acredita nessa complexidade do indivíduo, e na não linearidade da sua existência e, portanto o acrescento de complexidade que isto assume, caminhar para o mesmo sítio quando são onze, e onze a querem ganhar contra outros onze com os mesmos objetivos. E expressando uma coisa que também é complicada como o caraças que é jogar bem. Eu estou sempre a bater na importância do futebol de rua, porque proporcionava face à multiplicidade de situações, espaços, número de jogadores e não sei o quê... O gajo que pegava na bola e não passava a ninguém não era escolhido. Adulto não havia para estragar. Aí mostrava-se contrariamente ao que se pensa, de que os miúdos são atrasados mentais, que são sobretudo adiantados mentais! Quem é atrasado mental é o gajo que os mete numa camisa de forças. E isso (futebol de rua) desapareceu. E inclusivamente os modelos que eles têm não são na maioria das vezes os mais aconselháveis...

Ainda agora recentemente o Cruyff fez para ele o melhor onze do mundo e ele meteu gajos que a maioria do pessoal não conhece. Quando perguntaram ao Pelé porque é que ele jogava “aquilo”, todos os gajos que foram fora de série diziam que ele é que era fora de série, e ele deu uma resposta fabulosa: Deve ter sido porque a minha rua tinha mais buracos que a deles! Há gajos que olham para o sintético e dizem: Olha isso é que é bom, que é para lhes ensinar a jogar. Mentira.

Portanto, a Periodização Tática tem que “meter-se” sempre no entendimento sociológico, antropológico, psicológico, fisiológico, se calhar até ontológico desta fenomenologia, que não é de facto fácil e só para um gajo que não fecha bem as gavetas todas como eu é que anda com esta porcaria, ainda preocupado aos 70 anos!

A Periodização Tática não admite tecnocratas. No primeiro plano, que é o plano?...Há muita gente que diz que o primeiro Princípio Metodológico é o da Especificidade. Não, não é! É o ganho disso (da especificidade) através da conexão entre os três Princípios Metodológicos, porque todos eles estão preocupados com a Especificidade. Mas a Especificidade, como não é uma coisa no vazio, abstrata, para se garantir, tem de se

procurar atingir de determinada maneira. E então, através de coisas que tenham a ver com isso: Propensões.

Depois a gente cansa e tem de descansar, Alternância Horizontal para dosear, e como estou preocupado com o coletivo, eles, todos, não interferem do mesmo modo no desempenho e no desgaste, pode estar um a definhar. Então, eu tenho que ter preocupações também ao nível do individual, e daí a quarta-feira e sexta-feira, Alternância Horizontal em especificidade, com letra pequenina, não é com letra grande. Porque é um bocado da Especificidade, uma escala da Especificidade. Tem a ver com a Especificidade. E isto levado a efeito através do quê? Do Princípio da Progressão Complexa, isto é, para evoluir sustentadamente.

Ora, o padrão de conexão ou de utilização destes três princípios é que leva à concretização metodológica da Especificidade, isto é, a presentificação semanal ininterrupta do morfociclo. A Especificidade como categoria existe num outro plano, que é o plano conceptual, não no metodológico. É o futuro e as consequências, é a emergência que traz a Especificidade, e não de uma vez por todas. E há uma confusão das pessoas nesse quesito.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Vitor Frade, por ter concedido esta entrevista e ao Programa Ciência sem Fronteiras pela bolsa de estudos.

Recebido em: 25 fev. 2015

Aceito em: 02 mar. 2015

Contato: paulo.borges.proesporte@gmail.com